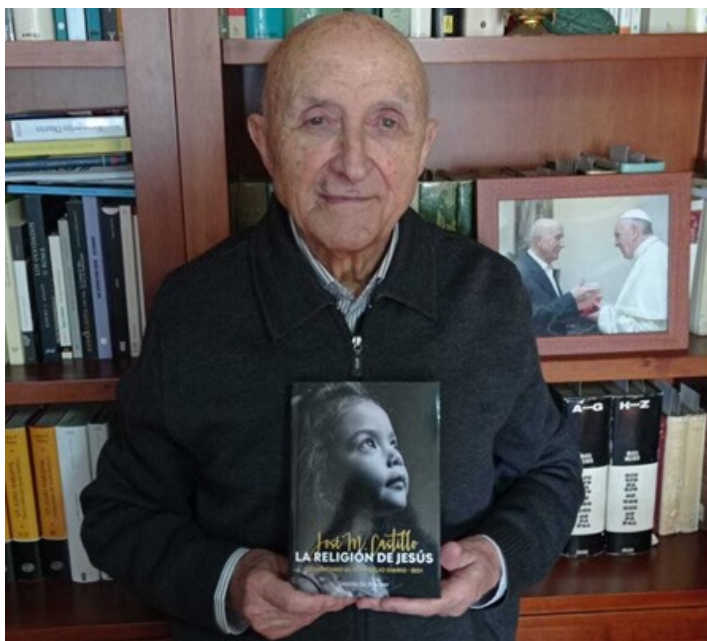


## Livro



«Jesus não quis templos,  
nem cartórios, nem casas de retiro.  
Jesus ia pelas ruas ao encontro das pessoas».

**«O templo confina Deus a um lugar determinado, enquanto que Jesus é a presença de Deus na vida, em toda a nossa vida. Estejamos onde estivermos, façamos o que fizermos».**

**«Isto não se pode mudar da noite para o dia, por decreto, tem de ser a vida. E o papa Francisco, onde se vê que ele está contente é na vida. No templo, cumpre, apenas, o indispensável, pois aquilo de que gosta mesmo é de andar pelas ruas, entrar nas lojas, visitar os doentes, falar com as pessoas...»**

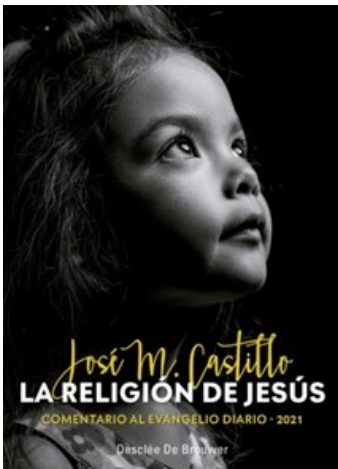
**«Agora, no Natal, o que há a fazer é respeitar a convivência, respeitando a saúde, e não praticar tolices, nem organizar festas às escondidas, que só fazem com que fiquemos todos contagiados».**

**É** um dos melhores teólogos de Espanha e, sem dúvida, o pai da *Teologia Popular*. Alguém que está à frente do seu tempo e, de certo modo, um dos mestres de Jorge Mario Bergoglio que lê e “copia”, muitas vezes, as suas reflexões. Próximas de nós, profundas, compreensíveis, com entranhas de Evangelho. **JOSÉ MARÍA CASTILLO** publica: mais um ano e aí estão... as suas reflexões sobre o Evangelho de cada dia em '**LA RELIGIÓN DE JESÚS 2021'**' publicadas por Desclee.

Ao contrário de outros autores, Castillo não segue o ano litúrgico, mas o calendário civil, **“que é o que as pessoas, normalmente, utilizam. O ano começa a 1 de janeiro”**, diz-nos ele, com toda a energia do mundo, a partir da sua amada Granada. Falemos com ele.

**Apresenta-nos, mais uma vez, as suas reflexões simples para o novo ano. Que não se iniciam no Advento, mas a 1 de janeiro. Porquê?**

O Advento é uma questão puramente organizativa, de que se pode prescindir. Através das edições dos Evangelhos que vou vendo nas livrarias, é a calendarização civil que vai predominando sobre as tradições religiosas ou litúrgicas, que foram sendo introduzidas com o passar do tempo.



### **Que nos conta neste livro?**

Este é o décimo quarto ou o décimo quinto ano que o faço. A meu ver, o Evangelho não é uma compilação de relatos recolhidos aqui e ali, mas algo de mais profundo. É teologia narrativa, o que significa que, nestes relatos, o determinante não é a historicidade dos mesmos, mas o que significam esses relatos. Porque a historicidade vai sofrendo alterações ao longo dos quatro evangelhos. Por exemplo, a expulsão dos mercadores do templo que, nos Evangelhos sinópticos, aparece no final da vida de Jesus, em João surge no início do seu Evangelho. Quem terá razão?

Tanto os primeiros como o segundo. O certo é que o facto ocorreu. O que acontece é que os sinópticos o apresentam como o confronto direto que precede a condenação, enquanto que João o mostra no princípio do seu Evangelho, para indicar que a vida de Jesus ia ser um confronto com o templo e uma condenação do templo. Não do templo em si, mas dos abusos que se cometiam no templo.

Do mesmo modo que agora ficamos escandalizados por se terem comprado catedrais como a de Córdova, os registos, ou em Leão ou Burgos... é por isso ser uma coisa muito séria. E claro, utilizar os templos para este tipo de coisas, não se admite. Já há muitas catedrais em que se cobra para se ir visitar a casa de Deus.

### **No seu livro aborda uma problemática que já há alguns meses vem analisando na *Religión Digital*, sobre a tensão entre o seguimento de Jesus e o seguimento de uma religião, que me parecem ser conceitos antitéticos, não é verdade?**

Não só não se trata do mesmo, como são mesmo situações antitéticas. Pretende-se meter Deus num templo, no sagrado, e aí fica Deus, enquanto eu vou de manhã à missa, para cumprir com as minhas obrigações para com Deus, enquanto durante o dia na rua, em casa ou na fábrica, cumpro com outras coisas que pouco têm a ver com Deus.

### **É como se isso bastasse...**

Claro! Jesus aborda a questão de outra maneira. Jesus não quis templos. Não se trata de quando expulsou os comerciantes... os templos são muitas vezes utilizados como negócio. Além disso o templo confina Deus a um determinado espaço, enquanto que Jesus é a presença de Deus na vida, em toda a nossa vida. Estejamos onde estivermos, façamos o que fizermos.

### **É possível acreditarmos em Jesus e permanecermos membros desta igreja? Ou não? Poderemos seguir a Jesus e a esta igreja?**

Se quisermos ser rigorosos e coerentes, a resposta é não. E por isso me alegra tanto a gestão implementada pelo papa Francisco. Porque isto não se pode mudar da noite para o dia, por decreto, tem de ser a vida. E o papa Francisco, onde se vê que está contente é na vida. No templo, cumpre apenas o indispensável, pois aquilo de que gosta mesmo é de andar pelas ruas, entrar nas lojas, visitar os doentes, falar com as pessoas... Porquê? Porque, em última instância, Jesus é a humanização de Deus e a presença de Deus na vida.



### **Como construir, porém, esse grupo de seguidores de Jesus que têm de viver em comunidade? Penso que a Igreja foi isso, exatamente, um grupo que se juntava em seu nome. Como poderemos ser igreja e seguir a Jesus, sem sairmos do templo e sem expulsarmos dele os sacerdotes...? Será possível?**

É uma utopia. Mas a maior utopia é um mundo sem utopias. A utopia é necessária, e a que vamos ter de perseguir e realizar é a de que, cada grupo ou comunidade de cristãos, descubra de que modo se pode reunir para celebrar a memória de Jesus e partilhá-la entre si. Foi o que fizeram os cristãos durante todo o século II. Os templos só começaram a construir-se nos séculos III e IV. Jesus não fundou nenhum templo, nem quis nenhum templo, nem fez casas de retiro, nem alugou cartórios para receber as pessoas. Não, nada disso. Jesus ia pelas povoações, ao encontro das pessoas. Eis o mais importante: a bondade é o valor mais forte da vida. Ela tem uma força tão grande que pode com tudo. O grande equívoco é pensarmos que basta sabermos muito, termos muito, ou mandarmos muito. Com isso nada se resolve, pelo contrário, lutamos uns com os outros, criamos divisões. A bondade é a coisa mais poderosa na nossa vida, e é aquilo de que nós mais necessitamos.

### **Porquê?**

Algo está a acontecer, um fenómeno muito profundo. O poder despótico e

de domínio está a ser substituído pelo poder de sedução. O que se está a impor é o que nos seduz, e o que mais nos seduz é a bondade. A bondade que consiste no respeito, na tolerância, na proximidade, no carinho, na simpatia, em fazer feliz quem está mal. Trata-se não só dum problema ético, mas, também, dum profundo problema teológico. Onde está Deus? Em tudo isso. Deus está na bondade, na convivência... e por isso Jesus, segundo referem os evangelhos, se preocupava com três temas fundamentais: a saúde, e por isso curava os enfermos; a economia, e por isso Jesus não dava tréguas aos que acumulavam dinheiro, aos que possuíam bens e viravam as costas aos desgraçados...; e a convivência: sobretudo na forma de bondade, pois é na bondade que está a força e o poder de Deus. É isto que me parece que a Igreja tem descuidado. E o que a Igreja tem feito, muitas vezes, ao longo da sua história, tem sido imitar o poder, a riqueza e a importância dos poderes públicos e terrenos, e isso não nos conduz a nada..., a não ser ao confronto, à divisão e ao sofrimento, a que os mais fortes dominem os mais fracos, etc...

**Para finalizar, como gostaria que as pessoas reagissem a este seu livro? Nestes tempos de pandemia, sofrimento, solidão... qual poderá ser o seu contributo?**

O primeiro contributo poderá ser levar-nos a cair na conta e a tomar consciência de que podemos

encontrar a Deus na nossa vida, na convivência. Será esse o primeiro e o maior dos contributos: encontrar a Deus na convivência, mais do que em qualquer imagem. Uma convivência em que impera e se impõe a bondade. Uma bondade que, nas condições em que atualmente nos encontramos, se preocupa, acima de tudo, por respeitar a saúde. Agora, no Natal, o que há a fazer é respeitar a convivência, respeitando a saúde, e não praticar tolices nem organizar festas às escondidas, que só fazem com que fiquemos todos contagiados. Creio que o que nos ensina o Evangelho é que Deus está presente na bondade, na convivência na preocupação pela saúde, na preocupação pelos desempregados que não têm dinheiro que chegue até ao fim do mês, ou nem sequer para a refeição de cada dia... e, finalmente, ter bem presente que todo o desejo, tudo o que desejamos intensamente é a oração. A oração é o que desejamos, porque Deus é transcendente e não temos possibilidade de nos relacionarmos com Ele. Faz-se presente em Jesus que foi um camponês da Galileia, um trabalhador, uma pessoa pobre e humilde, mas um trabalhador que não queria nem templos, nem sacerdotes, nem ritos, nem cerimónias.

**JESÚS BASTANTE**

[https://www.religiondigital.org/libros/Entrevista-Castillo-religion-jesus-evangelio-desclee-templos-riquezas-religiones\\_0\\_2292370790.html](https://www.religiondigital.org/libros/Entrevista-Castillo-religion-jesus-evangelio-desclee-templos-riquezas-religiones_0_2292370790.html)

## no centenário do nascimento da escritora brasileira CLARICE LISPECTOR

*Delineava o que o seu coração sentia, reelaborando a experiência de vida com riqueza de metáforas*

*Questionava-se como era possível escrever e ao mesmo tempo levar uma frívola vida mundana*



# um caleidoscópio chamado literatura

**O**s versos de CLARICE LISPECTOR, tirados de *Dá-me a tua mão*, contêm uma força cativante: «Entre dois grãos de areia, por mais juntos que estejam / existe um intervalo de espaço/ existe um sentir que é entre o sentir / nos interstícios da matéria primordial / está a linha de mistério e fogo / que é a respiração do mundo / e a respiração contínua do mundo / é aquilo que ouvimos /

e chamamos de silêncio».

Lírica simples e pura, que soa como um convite à descoberta de uma narradora magnética, para quem este silêncio foi uma oficina onde forjar a própria obra, que emanava não tanto da inspiração, vista com suspeita, nem sequer de uma particular virtude intelectual, mas do suor do rosto, como o pão ganho através da leitura atenta dos acontecimentos mais simples, mas até

dos não-acontecimentos da vida de todos os dias.

Ao longo de um florescente percurso artístico, a escritora não se limitava a contar histórias, mas preferia delinear o que o seu coração sentia, reelaborando depois a experiência de vida com uma escrita rica de metáforas, sem ceder à moda dominante nos salões literários, mas atenta a deixar que o leitor, deslumbrado, encontrasse o seu próprio espaço de construção através da livre interpretação dos escritos, muitas vezes desprovidos de enredo.

Confrontada com grandes nomes da literatura, como James Joyce e Virginia Woolf, CLARICE LISPECTOR é considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX. Nascida a 10 de dezembro de 1920 na Ucrânia ocidental, dizia ironicamente que nunca tinha posto os pés naquela terra, dado que quando a deixou era tão pequenina que a levaram no colo.

Formada em direito, interesse depressa abandonado para se dedicar inteiramente à literatura, ainda muito jovem conheceu a celebridade graças ao seu genial monólogo introspetivo *Perto do coração selvagem*, até hoje um dos seus romances mais conhecidos, recebido com entusiasmo pelos críticos em virtude da superlativa técnica narrativa, inédita no panorama literário do país, que preferia uma ficção mais inspirada no realismo levou a dramaturga francesa Hélène Cixous a afirmar que a literatura brasileira pode ser dividida em dois períodos diferentes, antes e depois de CLARICE LISPECTOR. E isto vê-se já a partir do primeiro romance, no qual a autora projeta sobre a vida da protagonista a própria evanescência, transbordante de imagens oníricas, assim como nos seus outros livros, de *Laços de família*, à obra-prima *Água viva*, a *A Hora da estrela*, até chegar a *Um sopra de vida*, considerado o

seu “testamento espiritual”, publicado um ano após a sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro em 1977.

A seguir ao seu inesperado sucesso, a ensaísta atravessará o Atlântico em companhia do marido diplomata, em missão na Europa e nos Estados Unidos, conhecendo muitas figuras de destaque do mundo artístico e cultural dos países onde viveu. Mulher requintada, de beleza incomum, encantava quantos a conheciam. Na Itália fez amizade com o poeta Giuseppe Ungaretti, regressado recentemente à pátria após anos passados no Brasil, que ele considerava a «pátria humana», enquanto que o pintor Giorgio De Chirico não se absteve do prazer de pintar um retrato da fascinante escritora. Será um tempo precioso também para o amadurecimento humano da jovem CLARICE LISPECTOR, que se interrogava como era possível escrever e, ao mesmo tempo, levar uma frívola vida mundana. No entanto, não tardou a intuir que para fazer literatura não é necessário isolar-se, mas a rotina de todos os dias pode tornar-se um motor para a escrita. Da convivência entre o ideal e o trivial nasceu uma narrativa genuína, sofrida e frágil, muitas vezes simplesmente essencial, dir-se-ia “amadora”, em que os sonhos se amalgamam teimosamente com a vida real e as vicissitudes humanas se diluem como na rotação silenciosa de um caleidoscópio, criando as cores com a dança da luz.

Em 1969, entrevistando Pablo Neruda, que dois anos mais tarde receberá o Nobel, CLARICE LISPECTOR faz-lhe uma pergunta que parece mais dirigida a si própria: «Que estado precede a tua criação, a angústia ou a graça?». Uma interrogação que, inquietando-a, a instiga a perscrutar cada vez mais profundamente a alma humana. Os seus personagens, muitas vezes como

que *alter egos*, revestidos de matizes etéreos, vivem em lugares imaginários onde a psicologia e a metafísica competem por um papel de protagonista. Consciente da complexidade dos sentimentos humanos e da energia necessária para os desafiar, tinha dificuldade de compreender como a descrição do mundo interior lhe fosse sequer provável. Assim, para ela a escrita permaneceu um verdadeiro mistério, um enigma que, no entanto, a acompanhará ao longo da vida inteira, marcada também por feridas existenciais, mas jamais fechada à surpresa da epifania, acolhida sempre com paixão. Contudo, sabe-se que a revelação só é possível para aqueles que permanecem

abertos à alteridade, dir-se-ia ao estranhamento, que para ela era um verdadeiro agulhão de criatividade. Só se morrermos, repetia entre uma obra literária e outra, poderemos nascer de novo.

Palavras que também hoje soam como uma forte exortação àqueles que, cansados da superficialidade e da mediocridade da indiferença, procuram um vislumbre de beleza, em si mesmos, no mundo, no outro.

SÉRGIO SUCHODOLAK

*L'Osservatore Romano*,  
nº 50, 15.12.2020, pág. 5.

## Confio-te, Senhor, o ano que vem.

Dá-nos sabedoria para pastorear os dias, paciência suficiente para suportar o que for necessário e um coração puro para acreditar. Faz com que saibamos colocar-nos em humilde relação com as grandes coisas de que é feita a vida. Que nos sintamos aprendizes e discípulos da revelação do teu amor que ocorre ao longo do tempo. Que não nos deixemos acomodar: que o conforto da pousada nunca nos seduza mais do que a beleza do caminho; que o saber acumulado de ontem, nos não dissuada de sairmos, para contemplar o novo orvalho que hoje brilha sobre os prados; que o nosso olhar não se fixe no dedo que aponta, mas naquela flor silenciosa que é a lua.

A fim de podermos decifrar a noite escura, ensina-nos a retirar de cada estação, não a escuridão, mas uma estrela. Ensina-nos a considerar que não é o mal o que melhor reflete um coração, mas sim, um traço de bondade. Ensina-nos a olhar, com atenção, os bandos de nuvens, para compreendermos que, por cima de nós que calcorreamos o solo, os céus permanecem em êxtase. Ensina-nos a não quereremos ser mestres de nada nem de ninguém, mas peregrinos conscientes de que a história a que atracamos, é uma terra sagrada. Para quem o quiser ouvir, o vento do teu Espírito perpassa como um apito primaveril a anunciar o degelo. A nossa existência nunca é tão bela como quando repousas sobre nós o teu olhar, Senhor!

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA, 31.12.2020, *Avvenire*